



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – OSMAR DE AQUINO
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – HABILITAÇÃO EM LÍNGUA
PORTUGUESA**

JERRY ADRIANO DA SILVA

**A MISSÃO DE MATRAGA: O PAPEL AUXILIAR DO CASAL DE PRETOS
VELHOS NO CONTO *A HORA E VEZ DE AUGUSTO MATRAGA*, DE JOÃO
GUIMARÃES ROSA**

**GUARABIRA
2023**

JERRY ADRIANO DA SILVA

**A MISSÃO DE MATRAGA: O PAPEL AUXILIAR DO CASAL DE PRETOS
VELHOS NO CONTO *A HORA E VEZ DE AUGUSTO MATRAGA*, DE JOÃO
GUIMARÃES ROSA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento do curso
de Letras, da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito à obtenção do
título de graduado em Letras/Português.

Área de concentração: Literatura

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Andréa de Moraes Costa Buhler.

**GUARABIRA
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586m Silva, Jerry Adriano da.

A missão de Matraga [manuscrito] : o papel auxiliar do casal de pretos velhos no conto a hora e vez de Augusto Matraga, de João Guimarães Rosa / Jerry Adriano da Silva. - 2023.

36 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Andréa de Moraes Costa Buhler, Coordenação do Curso de Letras - CH. "

1. Guimarães Rosa. 2. Sagarana. 3. Casal de Pretos. 4. Matraga. I. Título

21. ed. CDD 410

JERRY ADRIANO DA SILVA

**A MISSÃO DE MATRAGA: O PAPEL AUXILIAR DO CASAL DE PRETOS
VELHOS NO CONTO A HORA E VEZ DE AUGUSTO MATRAGA, DE JOÃO
GUIMARÃES ROSA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento do curso
de Letras, da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito à obtenção do
título de graduado em Letras/Português.

Área de concentração: Literatura

Aprovada em: 27/06/2023.

BANCA EXAMINADORA

Andréa Moraes Costa Buhler

Prof. Dr. Andréa de Moraes Costa Buhler (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

William Sampaio Lima de Souza

Prof.
Dr. William Sampaio Lima de Souza (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Antonio Marques Simões

Prof. Esp. Antonio Marques Simões (Examinador)
Centro Universitário de Patos (UNIFIP)

À família que pertenço e ao mundo estudantil, que luta empenhadamente na busca pela formação, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Ao meu bom Deus, por me conceber tudo, a vida e este trabalho; e à

Santíssima Virgem, por sua intercessão ao Pai por mim, que culminou na vitória de todas as barreiras encontradas no caminho.

À Universidade Estadual da Paraíba, por esta formação para a vida docente.

À Prof^a. Dr^a. Andréa de Morais Costa Buhler, minha orientadora, companheira nesta jornada, com quem muito aprendi durante todo este processo.

Aos professores da banca, Prof. Dr. William Sampaio e o Prof. Esp. Antônio Marques Simões, que se dispuseram a estar comigo neste momento, avaliando e contribuindo para a minha formação.

Aos profissionais da educação, pelos ensinamentos estudantis, que me encaminharam a uma melhor formação acadêmica; aos meus colegas de sala, que, incansavelmente, me ajudaram no que foi possível, com o objetivo de me verem um dia formado profissionalmente.

Aos meus pais, que tanto contribuíram amorosamente, incentivando nas horas difíceis, compreendendo a minha ausência enquanto trabalhava, para o desenvolvimento e conclusão, não só deste trabalho, mas também da minha formação como um todo.

O estudo não te faz melhor, nem maior do que ninguém, mas certamente te capacita para atuar no mundo (Jerry Adriano)

RESUMO

A presente pesquisa, intitulada “A missão de Matraga: o papel auxiliar do casal de

pretos velhos, no conto "A hora e vez de Augusto Matraga", de João Guimarães Rosa", apresenta um estudo sobre a jornada da personagem Matraga, e principalmente aborda o encontro deste protagonista com o casal de pretos Serapião e Quitéria. A hipótese é a de que o casal constitui elemento indispensável ao destino final do herói, cujo desfecho sela e cumpre a missão de superar a condição de pecador e alcançar o céu. Precisamente o casal de pretos desempenha a função de apresentar um novo sistema de valor baseado na fé cristã, na solidariedade e na gratidão. São valores religiosos marcados pela divisão do bem e do mal, os quais Matraga deve aprender se realmente ambiciona salvar a sua alma. Serapião e Quitéria, como nas velhas sagas, desempenham um papel auxiliar fundamental na transformação da personagem, uma vez que este, a partir das experiências de perdas e danos, deve superar os obstáculos e as adversidades mais íntimas, a fim de se tornar um novo homem. Assim, neste percurso investigativo adotaremos para cada fase reflexiva um repertório teórico específico. No que diz respeito à fortuna crítica do autor, destacamos: Walnice Nogueira Galvão (2000; 2008), Sandra Gardini Teixeira Vasconcelos (1989), Antônio Candido (1991), Aldair Menezes (2010). Para compreender a estrutura heroica representada, utilizaremos Joseph Campbell (2007) Mikhail Bakhtin (1990; 2002). Ao lado disso, lançando luz sobre o espírito religioso que norteia o casal de negros, traremos as contribuições de Elias Xidieh (1993). Nosso trabalho divide-se em introdução e duas partes. Na primeira parte, destacamos as relações do autor Guimarães Rosa e sua obra, principalmente ressaltamos a questão do regionalismo. No terceiro momento, aprofundamos a análise específica enfatizando o drama da personagem entre o bem e o mal, bem como investigamos a presença do casal de pretos no processo de transformação do protagonista.

Palavras-Chave: Guimarães Rosa. Sagarana. Casal de pretos. Matraga.

ABSTRACT

The present research, entitled “The mission of Matraga: the supporting role of the old black couple, in the short story ‘The Hour and Turn of Augusto Matraga’, by João Guimarães Rosa”, presents a study on the journey of the character Matraga, and mainly addresses the encounter of this protagonist with the black couple Serapião and Quitéria. The hypothesis is that the couple constitutes an indispensable element to the hero's final destiny, whose outcome secures and accomplishes the mission of overcoming the condition of a sinner and reaching heaven. More precisely, the black couple plays the role of presenting a new value system based on the Christian faith, solidarity and gratitude. These are religious values marked by the division of good and evil, which Matraga must learn if he really wants to save his soul. Serapião and Quitéria, as in the old sagas, play a fundamental supporting role in the transformation of the character, since he, based on the experiences of loss and damage, must overcome the most intimate obstacles and adversities in order to become a new man. Thus, in this investigation, we shall adopt a specific theoretical background for each section. With regard to critical works on the author, we highlight: Walnice Nogueira Galvão (2000; 2008), Sandra Gardini Teixeira Vasconcelos (1989), Antônio Candido (1991), Aldair Menezes (2010). To understand the heroic structure, we will use Joseph Campbell (2007) Mikhail Bakhtin (1990; 2002). Alongside this, by shedding light on the religious spirit that guides the black couple, we shall provide the contributions of Elias Xidieh (1993). Our work is divided into an introduction and two parts. In the first part, we highlight the relationship between the author, Guimarães Rosa, and his work, mainly emphasizing the issue of regionalism. In the third section, we have developed a specific analysis emphasizing the character's conflict between good and evil, and have investigated the presence of the black couple in the protagonist's transformation process.

Keywords: Guimarães Rosa. Sagarana. Black couple. Matraga.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	NAS TRILHAS DO AUTOR: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	12
3	A HORA E VEZ DE MATRAGA: A GUERRA ESPIRITUAL ENTRE O	
	BEM E O MAL.....	17
3.1	A imagem da fé: o casal de pretos.....	23
3.2	No Tombador: a tentação do herói.....	29
3.3	Hora e vez: o momento final.....	32
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
	REFERÊNCIAS.....	37

1 INTRODUÇÃO

Grande conhecedor das terras sertanejas, João Guimarães Rosa é hoje reconhecido e estudado para além do contexto brasileiro. Sua obra mais célebre, ao lado de *Grande Sertão Veredas*, é *Sagarana*, seu livro de estreia, publicado em 1946, o qual reúne uma coleção de contos, dentre os quais está (e se destaca) *A Hora e Vez de Augusto Matraga*.

O conto em questão é lido e estudado por inúmeros críticos e estudiosos da literatura, que identificam em Guimarães a complexidade de um autor, cuja obra é constituída por múltiplas camadas, que vão desde o trabalho formal com a linguagem e apreço descritivo pela dimensão histórica do sertão, passando por imaginários místicos e míticos das sagas, alcançando até temas metafísicos. De fato, essas camadas têm sido muito destacadas por seus críticos.

Assim, *A Hora e Vez de Augusto Matraga* apresenta uma rica complexidade. Contudo, pretendemos investigar, dentro dessa narrativa, o episódio da conversão da personagem, que se dá a partir do acolhimento e da solidariedade dos pretos velhos: pai Serapião e mãe Quitéria, nomeados no conto pelo próprio Matraga.

Esse casal de pretos aparece no conto como pessoas generosas; eles são da camada pobre da sociedade e apresentam uma religiosidade rústica. O passado e a origem deles não são revelados ao leitor, pois eles surgem dentro da narrativa como um elemento necessário para a transformação do personagem, como se aparecessem apenas para cumprir uma missão: cuidar de Augusto Matraga, auxiliando-o em sua conversão para alcançar o céu.

O casal de pretos, claramente uma referência ao sincretismo popular religioso a partir de seus nomes, dia após dia, cuida incansavelmente dos ferimentos físicos e espirituais de Nhô Augusto à semelhança das velhas sagas, em que o “fio da pré-destinação” orienta a narrativa, sendo o casal de velhos o elemento que exerce essa função fundamental do “renascer” do novo homem.

Dessa forma, os pretos velhos acolhem e amparam o herói que está à beira da morte, desmoralizado, sem posses e marcado a ferro e fogo como um animal. Assim, essa narrativa rosiana segue o enredo clássico das velhas sagas, aliás, o próprio título do livro, *Sagarana*, traz esse prefixo, “Saga”, que, sendo de origem alemã, diz respeito ao modo das velhas histórias.

A estrutura do conto, por sua vez, apresenta uma transformação do homem. Nesse gênero, há um grande destaque relacionado à jornada de transformações que o herói precisa atravessar. Esse elemento de transformação se alimenta de um enredo, cuja estrutura “culpa-castigo-redenção-beatitude” serve de base para as histórias sagradas e de santos, ou seja, as hagiografias. Essa característica aparece de forma marcante no conto popular, que é matéria para a feitura da obra de estreia do autor mineiro, já que Guimarães Rosa faz uma imersão no sertão mineiro, para construir suas obras.

Conhecedor dos aspectos do sertão, como: o sotaque, a linguagem local, os costumes e o modo de vida da população pobre e das socialidades regionais, Rosa, em suas pesquisas empíricas, produziu uma literatura atrelada ao contexto histórico, social e regional, a qual é constituída pela presença ostensiva da religiosidade. Esse espírito religioso move, de modo exemplar, a trajetória do herói Augusto Matraga, dividido entre o bem e o mal. Precisamente, é esse o drama interno da personagem, que tenta superar a sua índole violenta, para se tornar “manso e humilde de coração [...]” (ROSA, 1984, p. 356).

A jornada heroica de Augusto Matraga, sob o ambiente das expressões populares de sobrevivência, traduz os valores da cultura popular, de sua religiosidade e de seus signos afeitos aos sentimentos da bondade e solidariedade. Ao lado destes, regulando o caminho da personagem, estaria a simbologia do prêmio e da punição, numa aproximação da estrutura do conto popular, que nos fala Bakhtin (1990), na qual a transformação do homem está ligada à culpa e à expiação.

Na trilha dessas reflexões, nos parece bastante producente os estudos de Xidieh (1993) a respeito da cultura rústica e, principalmente, sobre a religiosidade popular, visto que esta representa o problema de combate entre o bem e o mal, que serve de modelo de comportamento a uma comunidade. Com efeito, a presença cosmológica cristã do bem e do mal, na trajetória da personagem, é marcante.

A trajetória de Nhô Augusto, filho do coronel Esteves, aponta para a moral das velhas narrativas exemplares, em que a vilania deve ser vencida. Porém, nesse ponto, o mal está dentro da personagem, coligado às condições de privilégios locais representados. Tendo em vista a transformação da personagem, a partir da cosmologia cristã, nosso trabalho pretende investigar a religiosidade constituída na virada de Nhô Augusto, para o seu momento salvífico, entendido como a “sua hora e vez.”

O momento dessa virada de transformação se inicia na casa do casal de pretos. Embora seja ostensiva a evocação da cor da pele – preta – do casal, eles aparecem nomeados como pai Serapião e mãe Quitéria. A nomeação, veremos, não é fortuita.

Esta pesquisa, mediada por seus objetivos gerais e específicos, define as seguintes etapas metodológicas: situar o autor mineiro a partir das principais críticas, acercando-se do espírito religioso, que constitui sua ficção e, especificamente, investigar a função do casal, pai Serapião e mãe Quitéria, como auxiliares indispensáveis à missão do herói, na busca de sua “hora e vez.”

O nosso percurso investigativo adota as seguintes fontes teóricas, mobilizadas para a construção da pesquisa: Patrícia Ramos Braick (2013), Miriam Becho Mota (2013), Joseph Campbell (2007), Walnice Nogueira Galvão (2000; 2008), Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos (1989), Antonio Candido (1991), Aldair Menezes (2010), Elias Xidieh (1993), Andrea de Moraes Costa Buhler (2021), Gilberto Freyre (2013) e Mikhail Bakhtin (1990; 2002).

O trabalho está dividido e estruturado em dois capítulos. No primeiro, tecemos algumas considerações sobre as particularidades narrativas de Guimarães Rosa, com enfoque no regionalismo. O segundo capítulo, abarcando três subtópicos, realiza uma incursão sobre o drama existencial do personagem Matraga e o encontro com Serapião e Quitéria, até o momento final, em que Matraga entra em confronto com seu antagonista, Joãozinho Bem-Bem.

Por se tratar de uma pesquisa acadêmica bibliográfica, envolvendo uma práxis literária complexa, como a de João Guimarães Rosa, entende-se que o presente trabalho pode contribuir para futuros estudos do autor, principalmente no que diz respeito aos aspectos religiosos e populares de sua obra. Pode-se ainda mencionar a contribuição para os estudos comparados, uma vez que a história da jornada de Matraga apresenta várias relações e diálogos com a história bíblica, o que possibilita novos parâmetros de leitura dentro da perspectiva hermenêutica.

2 NA TRILHA DO AUTOR: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O escritor mineiro publica a obra *Sagarana* em 1946. Trata-se de um momento em que o debate crítico no campo estético-literário traz reflexões sobre universalismo e regionalismo. Antonio Candido, em seu ensaio *Literatura e Subdesenvolvimento* (1989), refletindo sobre as relações de subdesenvolvimento e cultura, define, considerando o problema de nossa formação colonial, a noção de “país novo”, entendido como projeção de progresso futuro e ideia mística e bela da pátria; a fase da consciência catastrófica do atraso, a qual estaria ligada ao decênio de 30 e o problema da dependência cultural advinda do problema colonial, que conduziria a produção ficcional a um empenho político de cunho regionalista.

Para Candido, a superação dessas fases estaria “marcada pelo refinamento técnico graças ao qual as regiões se transfiguram e os seus contornos humanos se subvertem, levando os traços antes pitorescos a se descarnarem e adquirirem universalidade” (CANDIDO, 1989, p.162). O crítico, então, define essa nova fase de super-regionalismo, que aparece na obra revolucionária de Guimarães Rosa como “solidamente plantada no que poderia chamar de a universalidade da região” (CANDIDO, 1989, p.162).

De fato, a experiência linguística, na obra do autor mineiro, constituída de neologismo, aglutinações, sonoridades inusitadas, ao lado de registros regionalistas, é objeto de vários estudos que o projetam nesse campo da universalidade. A própria palavra *Sagarana*, que dá título ao livro, é criada pelo autor, “ao somar o germânico “saga” ao sufixo tupi “- rana” (“a maneira de”)” (GALVÃO, 2000, p.46). Com isso, Guimarães Rosa atrela ao título *Sagarana* uma junção de estórias, que se enquadram na oralidade.

A recriação da linguagem em Guimarães Rosa é indiscutível, mas sua obra foi também muito influenciada pelo regionalismo do sertão, seus costumes e expressões. É assim que a oralidade popular é também marca definidora de sua obra que, visto que é “[...] baseada na oralidade sertaneja, com aproveitamento de regionalismos e arcaísmos preservados no sertão, mas também adaptando estrangeirismos e criando neologismos” (GALVÃO, 2000, p. 45).

A obra *Sagarana* é constituída por nove contos, que fazem a conjuntura da obra como um todo. Cada um é constituído por sua *estória* na narrativa. Vejamos a

seguir como a crítica literária Walnice Nogueira Galvão nos esclarece, de forma geral, a respeito deles:

“O Burrinho Pedrês” conta uma *estória* (termo que Guimarães Rosa cunhou e divulgou, opondo-o, como em inglês, a “história”) de cataclismo, na qual uma boiada e os vaqueiros que a conduzem são tragados pelas águas de um córrego avolumado pelas chuvas, só sobrevivendo um que cavalgava Sete-de-Ouros, o burrinho do título, e outro que se agarrou a sua cauda. “A Volta do Marido Pródigo” narra uma trama picaresca de politicagens eleitorais e introduz as estrapalias de um invulgar protagonista, Lalino Salathiel, que vende a esposa e depois a recupera de graça. “Sarapalha” apresenta dois primos a tiritar de malária e a ajustar velhas contas. Em “Duelo”, dois homens se perseguem mutuamente com intuitos assassinos, sem se encontrar, ao azar do destino, que afinal cumprirá por linhas tortas seus designios. Em “Minha gente”, uma temporada na fazenda vale por uma aula de política dos coronéis para dois primos, um rapaz e uma moça. Em “São Marcos”, um tenebroso caso de feitiçaria produz cegueira temporária no protagonista, juntando-se a uma reveladora discussão sobre o canto e a plumagem das palavras. Em “Corpo Fechado”, valentões se sucedem no arraial com um cômico episódio de echamento de corpo que dá bom resultado. Em “Conversa de Bois”, os animais justiceiros que puxam o carro entabulam diálogo, como nos tempos primordiais em que os bichos falavam, numa viagem que começa com o transporte de um defunto e termina com dois. E em “A Hora e a Vez de Augusto Matraga” [...] Relata o percurso de um homem que começa mandão e prepotente e, ao perder tudo de uma hora para outra, vê-se vítima de um atentado, sendo jogado como morto de um barranco. (GALVÃO, 2000, p. 45-46).

Com seus arranjos sociais e temas locais, de causos cheios de humor, mas também de seriedade e crueldade, Guimarães Rosa constrói sua narrativa a partir de um regionalismo, que propicia aprofundamentos existenciais entre as ideias de destino e liberdade. O estilo de linguagem do escritor mineiro também merece muitos comentários de seus críticos, uma vez que

Além da matéria do sertão, também a linguagem já é a da maturidade – original, sem dúvida, a mais brilhante e estupenda das linguagens. E já, como sempre seria, baseada na oralidade sertaneja, com aproveitamento de regionalismos e de arcaísmos preservados, mas também adaptando estrangeirismos e criando neologismos. (GALVÃO, 2000 p. 45).

De fato, as histórias contadas traçam uma experiência muito forte de Guimarães com a linguagem popular sertaneja a ponto de, em muitos momentos, ser a peça-chave e fundamental para o entrosamento da narrativa no cenário literário de sua obra. Observar, aliás, o comportamento do homem sertanejo era uma de suas tantas habilidades. Sandra Gardini Teixeira Vasconcelos (1989) afirma que o autor teve “contato com os costumes, falas, histórias, cantos e danças dos homens

do sertão”. O sertão aparece em suas várias facetas. Para Candido (1991, p. 244), trata-se de

uma região da arte, com detalhes, locuções, vocabulários e geografia cosidos de maneira por vezes irreal, tamanha é a concentração com que trabalha o autor. Assim, veremos, numa conversa, os interlocutores gastarem meia dúzia de provérbios e outras tantas parábolas como se alguém falasse no mundo desse jeito.

Em *Sagarana*, observa-se que os provérbios e as parábolas expressam este lugar de imaginário simbólico da fé. Mas é bom que se diga que há uma representação sincrética dessas expressões religiosas, ou seja, não é apenas a simbólica cristã que aparece. No conto "São Marcos", por exemplo, a personagem, conhecida como Izé, se livra de um feitiço poderoso de João Mangolô, fazendo uso da reza brava, ensinada por Aurísio Manquitola.

As narrativas aproveitam deste amalgama cultural que constitui as misturas de um povo mestiço e afastado dos grandes centros. Parte desse povo decorre do tráfico de escravos, ou seja, a ficção de Guimarães Rosa bebe das fontes históricas. É possível que os pretos velhos do conto tenham suas origens históricas, mas ficcionalizada, nas migrações forçadas realizadas por navios:

Os navios negreiros que aqui chegaram traziam mais do que braços escravos para trabalhar. Em seus porões, viajavam também culturas, idiomas e religiões que, na América, foram reelaborados a partir dos contatos estabelecidos entre as diversas etnias africanas, os povos indígenas e os europeus. A partir das experiências vividas em solo brasileiro, os africanos recriaram sua identidade, evocando sua história e mesclando elementos culturais de distintos pontos da África. (BRAICK; MOTA, 2013, p. 223).

Os negros africanos trouxeram consigo seus costumes, que contrastavam e se misturavam culturalmente com os dos seus senhores de engenho:

As trocas culturais feitas no Brasil não se restringiram às comunidades africanas. Elas foram incorporadas ao modo de ser do brasileiro, às palavras, na sonoridade da língua, à música e até mesmo os movimentos do corpo. Aqui, os africanos e seus descendentes criaram expressões culturais novas, inexistentes na África, que deram origem ao samba, à capoeira, ao candomblé, às congadas, ao maracatu, entre tantas outras expressões culturais que fazem parte da nossa identidade e que constituem a cultura afro-brasileira. (BRAICK; MOTA, 2013 p. 223).

Essa mistura cultural no Brasil aconteceu ao longo dos anos. Registram-se, historicamente, muitos negros na região de Minas Gerais, em virtude da mineração do ouro. O autor, cercado pelos valores e histórias de sua região, torna visível o tema étnico, social e do imaginário. A influência negra e o sincretismo em nossa cultura ganham destaque pelos pretos velhos no conto em estudo. Se pode também constatar, além da tônica religiosa, o tema da violência personificado, principalmente, na jagunçagem, um dos temas marcantes do escritor.

De fato, o sertão representado surge como um lugar sem lei regulado pelo mandonismo dos grandes senhores de terras, que, não raramente, oprimiam a população despossuída de riqueza e de prestígio. Sobre isso, Galvão (2000, p. 27) ressalta que "Inteiramente ao abandono, sem quaisquer direitos civis, essa população por sua natureza inútil acabava por ser utilizada pelo fazendeiro para as mencionadas operações defensivas e ofensivas".

Muitos desses membros da população pobre eram utilizados para trabalhos de vingança, sendo conhecidos como jagunços ou capangas. Aliás, a presença da jagunçagem e do cangaço é com recorrência explorada na literatura que aborda o sertão. Em seu trabalho de dissertação sobre a presença do cangaço na literatura, Aldair Menezes (2010, p. 12) argumenta que "O cangaço é um dos elementos identitários, que constituem não apenas a identidade sertaneja e nordestina, mas, principalmente, a identidade brasileira".

No campo literário, um dos primeiros registros da presença do cangaço tem como referência a obra *O Cabeleira*, escrita por Franklin Távora e publicada em 1876. Entretanto, é no período compreendido, entre anos de 1930 e 1945, a partir da chamada corrente regionalista, que esse fenômeno passa a ser um dos temas utilizados, mais frequentemente, por escritores para redescobrir o Brasil. E ainda ressalta: a "representação literária do cangaço emerge da concepção do homem que luta tanto pela sobrevivência quanto pelo reconhecimento, e mostra não apenas a imagem simples e acanhada do sertanejo, como também sua sagacidade e engenhosidade" (MENEZES, 2010, p.15).

O autor mineiro, em *Sagarana*, apresenta, na narrativa *A Hora e vez de Augusto Matraga*, Joãozinho Bem-Bem, como o homem mais "afamado" e ainda, "o treme-terra," conhecido por sua valentia e que percorria o sertão juntamente com um grupo de capangas armados. Trata-se da primeira aparição de um jagunço, que mais tarde se tornaria tema recorrente da obra do autor. De fato, mais uma interface

entre história e ficção. Desse encontro decorre a forma de sobrevivência da violência e vingança antagonizada com a fé, a salvação, ou seja, a religião. É assim que Joãozinho Bem-Bem marca sua trajetória em *Sagarana* como um cangaceiro impiedoso do sertão.

Em *Sagarana*, a presença do jagunço possui uma função histórica, ou seja, a narrativa nos permite compreender que a violência, praticada pelos jagunços ou capangas, como serviços prestados para seus mandantes, era repleta de interesses, seja de caráter pessoal, familiar ou político. Além disso, podemos identificar camadas imaginárias para a construção desse tipo de personagem.

No Conto *A Hora e Vez de Augusto Matraga*, o jagunço tem presença marcante na narrativa; é ele que vai personificar o mal, o antagonista que deve ser derrotado por Nhô Augusto, para se tornar Matraga, seu nome mítico.

3 A HORA E VEZ DE MATRAGA: A GUERRA ESPIRITUAL ENTRE O BEM E O MAL

MATRAGA NÃO É MATRAGA, não é nada. Matraga é Esteves. Augusto Esteves, filho do Coronel Afonso Esteves, das Pindaibas e do Saco-da-Embira. Ou Nhô Augusto – o homem – nessa noitinha de novena, num leilão atrás de igreja, no arraial da Virgem Nossa Senhora das Dores do Córrego do Murici. (ROSA, 1984 p. 341).

É assim que se inicia o conto. O narrador apresenta a personagem como Nhô Augusto, o homem, filho do coronel Afonso Esteves, não ainda como Matraga.

A personagem chega num leilão, no arraial da Virgem Nossa Senhora, sugerindo uma festa religiosa com ambiente rural. O narrador descreve os traços da personagem como um sujeito: “[...] alteado, peito largo, vestido de luto, pisando pés dos outros e com braços em tenso, angulando os cotovelos, varou a frente da massa, se encarou com a Sariema, e pôs-lhe o dedo no queixo” (ROSA, 1984, p. 342).

A cena em destaque focaliza a atitude abusiva da personagem, “pisando pés nos outros” e, mostrando o aspecto de poder, põe o dedo no queixo de Sariema, a namorada do capiau.

Nhô Augusto, sem nenhum escrúpulo, arrebatou Sariema, enquanto parte da multidão aplaude o seu ato maldoso. Logo depois, Nhô Augusto, ao se retirar do leilão, ofende, de forma violenta, a Sariema, dispensando-a como uma desvalida. Observa-se o grau de violência e desrespeito de suas palavras, bem como a condição de humilhada e ofendida da personagem Sariema.

Vê-se, já no início, os índices de maldade de Nhô Augusto, através da esposa Dionorá, que temia a valentia do marido Nhô Augusto. Ela conhece bem a índole desumana do marido: “E ela conhecia e temia os repentinos de Nhô Augusto. Duro, doido e sem detença, como um bicho grande do mato”. (ROSA, 1984, p. 346).

Nhô Augusto estava sempre em jeito amarrado, sujeito sério. Acrescenta-se ainda que “E, em casa, sempre fechado em si. Nem com a menina [referindo-se à filha] se importava”. (ROSA, 1984, p. 346). Na sua seriedade de um homem que só pensava em si, em suas vontades e não olhava para o bem alheio, Nhô Augusto mal gostava da esposa: [...] “Dela, Dionóra, gostava, às vezes; da sua boca, das suas carnes. Só.” (ROSA, 1984, p. 346).

Nesse sentido, Nhô Augusto, na sua vida costumeira, e que de fato lhe

agradava, sempre acompanhado de capangas armados, aparece descrito assim pelo narrador: “No mais, sempre com os capangas, com mulheres perdidas, com o que houvesse de pior” (ROSA, 1984, p. 346). O narrador acrescenta ainda que Nhô Augusto, por sua vez, gostava muito das andanças: “Na fazenda — no Saco-da-Embira, nas Pindaibas, ou no retiro do Morro Azul — ele tinha outros prazeres, outras mulheres, o jogo do truque e as caçadas” (ROSA, 1984, p. 346).

Acima o narrador relata as ações costumeiras de Nhô Augusto, de modo a perfilar seu caráter abusivo e arrogante. Vê-se também como sua esposa, Dianóra, o avalia, de forma negativa, como: “doido”, “duro” e “bicho grande do mato.” Isso mostra que o narrador revela o pensamento da esposa a respeito do seu marido. Os problemas entre Nhô Augusto e Dianóra só aumentavam. Ele não amava e nem se importava com os desejos dela nem da filha.

Dionóra e Nhô Augusto sempre tiveram suas diferenças familiares. Isso porque ele teve uma infância rica e bem sucedida, além de ser filho único do pai abastado. No entanto, Dianóra desafiou a família para se unir a Nhô Augusto. Com a morte do pai, Nhô Augusto piorou ainda mais, chegando a perder o controle da riqueza e dos bens materiais:

Agora, com a morte do Coronel Afonso, tudo piorara, ainda mais. Nem pensar. Mais estúrdio, estouvado e sem regra estava ficando Nhô Augusto. E com dívidas enormes, política do lado que perde, falta de crédito, as terras no desmando, as fazendas escritas por paga, e tudo de fazer ânsia por diante, sem portas, como parede branca. (ROSA, 1984, p. 346).

Já Dianóra só teve alegria nos primeiros anos de união. Logo em seguida, veio à vida amarga. Precisou suportar o esposo, as dificuldades para cuidar da filha. Suportou anos e anos de tristeza e ainda a falta de apoio por parte de seus familiares. Outro havia surgido, mas o medo de que Nhô Augusto soubesse ou ao menos desconfiasse era grande. Sim, Dianóra, o traía com Ovídio porque esse sim a amava.

Na narrativa, Nhô Augusto acumula perdas e inimizades por causa de sua índole violenta. Caberá ao seu leal servidor contar-lhe a real situação. É assim que Quim Recadeiro recebe a missão de transmitir a mensagem das ameaças e de todas as perdas de seu chefe, Nhô Augusto. Quim destaca que os capangas não quiseram mais saber dele: “[...] os bate-paus não vinham... Não queriam ficar mais com Nhô Augusto...” (ROSA, 1984, p. 349).

O narrador, nesse sentido, comenta que: “O Major Consilva tinha ajustado, um e mais um, os quatro, para seus capangas, pagando bem”. (ROSA, 1984, p. 349). No entanto, Quim volta para Nhô Augusto com o recado do capanga mais ousado: [...] “- Fala com Nhô Augusto que sol de cima é dinheiro!... P’ra ele pagar o que está nos devendo... E é de mandar por portador calado, que nós não podemos escutar prosa de outro, que seu Major disse que não quer”. (ROSA, 1984, p. 349).

A narrativa revela que Nhô Augusto ficou totalmente enraivecido com a perda dos seus homens: “- Cachorrada!... Só de pique...” (ROSA, 1984, p. 349), e Nhô Augusto pergunta a Quim sobre os capangas e descobre que eles estão com o Major. A personagem então decide ir ao encontro do Major, conforme veremos a seguir: “[...] - Major de borra! Só de pique, porque era inimigo do meu pai!... Vou lá!” (ROSA, 1984, p. 350).

Enquanto Nhô Augusto se preparava para a vingança de honra, Quim Recadeiro ainda lhe informa sobre o que está acontecendo pelas redondezas, o que dizem sobre Nhô Augusto, atribuindo-o toda desumanidade e crueldade:

- Mal em mim não veja, meu patrão Nhô Augusto, mas todos no lugar estão falando que o senhor não possui mais nada, que perdeu suas fazendas e riquezas, e que vai ficar pobre, no já-já... E, estão conversando, o Major e outros grandes, querendo pegar o senhor à traição. Estão espalhando... / – O senhor dê o perdão p’ra minha boca, que eu só falo o que é perciso – estão dizendo que o senhor nunca respeitou filha dos outros nem mulher casada, e mais que é que nem cobra má, que quem vê tem de matar por obrigação... Estou lhe contando p’ra modo o senhor não querer facilitar. Carece de achar outros companheiros bons, p’ra o senhor não ir sozinho... Eu, não, porque sou medroso. Eu cá pouco presto... Mas, se o senhor mandar, também vou junto. (ROSA, 1984, p. 350).

Nhô Augusto no auge da raiva partiu sozinho no seu cavalo em direção à morada do Major Consilva, que ao ver Nhô Augusto se aproximar, falou em tom alto, ordenando sua tropa contra o homem em sua fúria: “- Tempo do bem-bom se acabou, cachorro de Esteves!...” (ROSA, 1984, p. 351). Segundo a descrição do narrador, Nhô Augusto, montado em seu cavalo, partiu para frente e teve que enfrentar os capangas do Major. Sem esforço algum, no seu poder de fala e ordem, o Major ordena: “- Frecha, povo! Desmancha!” (ROSA, 1984, p. 351):

Já os porretes caíam em cima do cavleiro, que nem pinotes de matrinhãs na rede. Pauladas na cabeça, nos ombros, nas coxas. Nhô Augusto desdeu o corpo e caiu. Ainda se ajoelhou em terra, querendo firmar-se nas mãos, mas isso só lhe serviu para poder ver as caras horríveis dos seus próprios

bate-paus, e, no meio deles, o capiauzinho mongo que amava a mulher-atoa Sariema. (ROSA, 1984, p.351).

Nhô Augusto foi levado pelos capangas do Major que ordenou o seu fim. Durante todo o trajeto Nhô Augusto ia cada vez mais sangrando, sinal de sofrimento e castigo. Assim relata o narrador: “[...] E, quando chegaram ao rancho do Barranco, ao fim de légua, o Nhô Augusto já vinha quase que só carregado, meio nu, todo picado de faca, quebrado de pancadas e enlameado grosso, poeira com sangue” (ROSA, 1984, p. 352), além disso, ainda ia ser ferrado e morto: “[...] - É aqui mesmo, companheiros. Depois, é só jogar lá para baixo, p’ra nem a alma se salvar...” (ROSA, 1984, p. 352). Os capangas acenderam um fogo a lenha para esquentar o ferro usado na ferradura:

E, aí, quando tudo esteve a pronto, abrasaram o ferro com a marca do gado do Major – que soía ser um triângulo inscrito numa circunferência –, e imprimiram-na, com chiado, chamusco e fumaça, na polpa glútea direita de Nhô Augusto. (ROSA, 1984, p.352-353, grifo nosso).

Os capangas tinham a tarefa de matar Nhô Augusto, mas, ele, reagindo em saltos, alcança a borda do barranco e pula no espaço. O corpo rola e some. Os capangas expressam a dúvida se realmente ele morreu: “[...] - Por onde é que a gente passa, p’ra poder ir ver se ele morreu?”. (ROSA, 1984, p. 353). Segundo o narrador, os capangas não encontraram nenhuma passagem para olhar onde Nhô Augusto tinha caído e o mais experiente já tendo Nhô Augusto como morto decidiu: “[...] - Arma uma cruz aqui, mesmo, Orósio, para de noite ele não vir puxar teus pés...” (ROSA, 1984, p. 353). Em seguida os capangas voltaram convencidos de que Nhô Augusto havia morrido.

Observamos, no trecho acima, o ato de marcar como um animal, Nhô Augusto, na polpa glútea: “abrasaram o ferro com a marca do gado do major” (ROSA, 1984, p. 352). A marca é um triângulo inscrito na circunferência, que funciona como índice fantástico apontando para a virada da personagem. Vale ressaltar, principalmente, que a marca imprimida está relacionada com a nova trajetória do herói, uma espécie de reviravolta, cujo lema passa a ser ir para o céu a partir de uma profunda mudança que faz parte do emblema da personagem Matraga.

Segundo a autora Walnice Nogueira Galvão, o emblema se refere a uma marca de transcendência em relação ao seu destino, sendo a circunferência referente a uma totalidade a ser alcançada; já o triângulo aponta para a santa trindade. “No caso de Matraga, o significado é claramente cristão, pois o triângulo é sinal clássico da Santíssima Trindade” (GALVÃO, 2008, p. 51).

O emblema é também abordado como marca ignominiosa e de pertença, ou seja, traduz, num primeiro momento, o rebaixamento e a marginalização do personagem; já, num segundo momento, essa mesma marca aponta para um destino de missão gloriosa, de tarefa cumprida. A autora chama de marca de pertença. Ou seja, humilhação e apagamento, de um lado e, de outro, ação gloriosa, típica do reconhecimento heroico marcam a jornada de Matraga e o torna equivalente às histórias de santos.

A marca nos dá a entender a questão do castigo. No entanto, Matraga carrega a marca específica em seu corpo que o aponta como um ser humano em transformação a partir dela. Como nos informa Walnice Nogueira Galvão, ao dizer que “bem outra coisa é a marca da pertença, que, em muitos casos, difícil de ter sua especificidade detectada, indica uma apartação para melhor e é sinal de eleição” (GALVÃO, 2008, p. 57). Logo, entendemos que, no momento final, a marca de Matraga é a de *pertença*, uma vez que o céu é o destino da personagem.

O narrador revela, através das passagens destacadas, a punição da personagem, que vai desembocar na mudança do homem, anteriormente mal e cruel, para um novo homem do bem. O castigo sofrido é resultado de suas más ações, sua incredulidade, impiedade e ainda sua atitude de nunca acolher, nem ajudar ninguém pode ser identificada como ingredientes típicos da moral rústica, nesse caso de justiça, como relata Xidieh (1993, p. 90): “[...] o senso de justiça popular, que preceitua *o que faz paga, olho por olho, dente por dente*, pena de talião”.

Essa prescrição moral nos leva a crer que *Sagarana*, de João Guimarães Rosa, toma como matéria para efabulações as fontes clássicas dos velhos narradores, moldadas por essa moral simples de castigo e prêmio. A respeito disso, Oswaldo Elias Xidieh nos diz que “[...] há, na cultura rústica, um corpo de valores morais que, no convívio social, apresentam-se como padrões de referência ao comportamento e meios reguladores da ação” (XIDIEH, 1993, p. 83).

Nesse contexto de valores, Xidieh nos fala ainda que “de um lado, está aquilo que a sociedade rústica preconiza e, de outro, aquilo que não deve ser feito nem pelo grupo e nem pelas pessoas” (XIDIEH, 1993, p. 84), ou seja, na sociedade rústica ninguém é autorizado a viver de forma desordenada. No conto *A Hora e Vez de Augusto Matraga*, a personagem Nhô Augusto se alinha a essa moral popular dividida entre o bem e o mal. Com efeito, a personagem produz muitos desequilíbrios, por sua maldade e deve ser penalizado, de modo a aprender a vida de penitência e retidão, conforme a moral do catolicismo.

As narrativas rústicas apresentam também o senso de justiça, mostrando que há consequências a partir de atos ou ações, que fugirem dos valores preconizados pelo grupo social. Isso é notório nas narrativas e estórias populares, pois

Transparece nos ditados, nos preceitos, nas cantigas, nos causos, ou como aforismo ou então dramatizado em forma de estória: - “Deu a facada e recebeu o talho”, “Quem tudo quer, tudo perde”. A aceitação da lei do *choque de retorno*, marca a intromissão do sobrenatural popular nesse senso de justiça. E no ditado: - “Morte de burro, alegria de urubu”, marca-se o senso da compensação e do equilíbrio da ordem natural, tanto para os homens como para os outros seres. Essas estórias, movimentando personagens e situações diversas, definem essa justiça em dois momentos principais, *ação* e *castigo* ou *prêmio*. (XIDIEH, 1993, p. 88).

Com efeito, identificamos essa exemplaridade do bem e do mal no conto. Ação e reação compõem a moral de utilidade, tão preconizada pela comunidade rústica, ou seja, se a figueira não dá frutos, melhor é arrancá-la. No caso, temos o caráter moral da história.

A partir da humilhação vivenciada, dos porretes e da marca em sua carne, o destino de Matraga se abre para nova trajetória, que irá resultar na lapidação de um novo homem destinado para o bem, não mais para o mal. De fato, podemos identificar essa fase como a morte simbólica do herói, a qual representará o renascimento expresso pela marca de pertença, que nos fala Walnice Galvão.

O personagem, com o auxílio do casal de pretos, descobre que esse renascimento tem como finalidade ingressar no céu. Daí o lema: “Para o céu eu vou nem que seja a porrete” (ROSA, 1984, p. 357), o qual está atrelado ao processo de transcendência de Nhô Augusto, isto é, a busca pela salvação da alma após o contato com os pretos velhos.

O ingresso da personagem no céu pode ser entendido como o prêmio final do herói no sistema de crença vigente. No entanto, ele teria antes que atravessar o

processo de conversão e regeneração para que assim pudesse alcançar seu objetivo. Ou seja, Nhô Augusto teria que obedecer e seguir os preceitos morais e religiosos instruídos pelo casal de pretos durante toda a sua trajetória.

3.1 A imagem da fé: o casal de pretos

A regeneração da personagem Nhô Augusto se realiza completamente na casa de barro do casal de pretos de Serapião e mãe Quitéria. Após os porretes dos capangas, no momento de ser marcado a ferro, Nhô Augusto, já todo quebrado salta pela borda do barranco, e o corpo rola se sumindo pelas moitas. A narrativa introduz o casal de preto, que cuida e zela pela recuperação da personagem Nhô Augusto. Vejamos como o narrador apresenta Serapião e o resgate do personagem:

[...] o preto que morava na boca do brejo [...] encontrou vida funda no corpo tão maltratado do homem branco; chamou a preta, mulher do preto que morava na boca do brejo, e juntos carregaram Nhô Augusto para dos dois, que era mal erguido e mal avistado, no meio das árvores, como um ninho de maranhões. (ROSA, 1984, p. 353).

É a preta que já inicia o processo de conversão de Nhô Augusto. Tomando uma vela benta, coloca na mão de Nhô Augusto, na hora do “diga Jesus comigo, irmão...” (ROSA, 1984, p. 353). Nhô Augusto, com o corpo massacrado, pede a morte. A preta percebe que o homem “deve ser ruim feito cascavel barreada” (ROSA, 1984, p. 353). É nesse casebre, “deitado na esteira no meio de mulambos” (ROSA, 1984, p. 354), com as pernas metidas em talos de taboca e costelas quebradas, que o nosso herói começa a se curar. Ele passa a entender que era melhor viver e beber ralo de fubá para sarar.

De tardinha, a personagem experimenta a profunda tristeza, mas as dores começam a melhorar. E agora Nhô Augusto lembra à mulher e à filha sem ressentimento, mas, com algum desconforto. Ele chora como um menino abandonado e grita: “- Mãe... Mãe...” (ROSA, 1984, p. 355). O conselho vem da preta “- Não faz assim, seu moço, não desespera. Reza, que Deus endireita tudo... P’ra tudo Deus dá o jeito!” (ROSA, 1984, p. 355).

A personagem sofre ao lembrar as desgraças, ou seja, o processo é de cura do corpo e também da alma e são os pretos que cuidam e não arrefecem na dedicação. São os pretos que trazem o padre para ele se confessar. Nhô Augusto

chora e duvida de Deus ter misericórdia de toda a sua ruindade. O padre então diz: “Deus mede a espórea pela rédea, e não tira o estribo do pé de arrependido nenhum...” (ROSA, 1984 p. 356). Segue também o conselho do padre para não pensar mais em vingança e fazer sempre penitência. E o padre apregoa:

Sua vida foi entortada no verde, mas não fique triste, de modo nenhum, porque a tristeza é aboio de chamar de chamar o demônio, e o Reino do Céu, que é o que vale, ninguém tira de sua algibeira, desde que você esteja com a graça de Deus, que ele não gateia a nenhum, coração contrito. (ROSA, 1984, p. 356).

O padre orienta Nhô Augusto a trabalhar por três e ajudar permanentemente os outros, além de moderar o mau gênio. A jaculatória ensinada sugere que Nhô Augusto abandone sua índole violenta e passe a se assemelhar a Cristo. Eis a jaculatória: “Jesus, manso e humilde de coração, fazei meu coração semelhante ao vosso” (ROSA, 1984, p.356). O padre destaca que ele ainda pode ter um bom pedaço de alegria e que “cada um tem a sua hora e a sua vez: você há de ter a sua” (ROSA, 1984, p. 356). De fato, o padre, simbolizando a fé cristã, sinaliza para um novo caminho que deve ser seguido pela personagem para alcançar o reino do céu.

No casebre, Nhô Augusto comia, fumava, pensava e rezava. Surgiam planos para viver em lugar distante, e assim o fez ao lado dos pretos velhos. No começo da viagem, Nhô Augusto, autoconfiante, se ajoelha, abre os braços em cruz e jura: “- Eu vou p’ra o céu, e vou mesmo, por bem ou por mal!... E a minha vez há de chegar... P’ra o céu eu vou, nem que seja a porrete” (ROSA, 1984, p. 357). De fato, o personagem agora tem que realizar a sua missão. E é isso que ele buscará: “sua hora e vez!”. Para tanto, a função auxiliar do casal de pretos é fundamental para que a tarefa seja cumprida.

Nesse sentido, a narrativa se alinha aos índices estruturais do conceito de monomito, desenvolvido por Joseph Campbell, em seu livro *O herói de mil faces* (2007). O autor entende que o monomito está presente na mitologia, lenda, folclore e religião através de símbolos parecidos ou universais. Esses símbolos fazem parte da jornada épica e simbólica do herói. O autor estruturou em 12 (doze) etapas a jornada heróica:

[...] a primeira tarefa do herói consiste em retirar-se da cena mundana dosefeitos secundários, e iniciar uma jornada pelas regiões causais da psique, onde residem efetivamente as dificuldades, para torná-las claras,

erradicá-las em favor de si mesmo (isto é, combater os demônios infantis de sua cultura local) e penetrar no domínio da experiência e da assimilação, diretas e sem distorções, daquilo que C. G. Jung denominou imagens arquetípicas. (CAMPBELL, 2007, p. 27).

Campbell compreende que se trata de uma jornada da psique profunda, que busca a autorrealização. Não é o caso aqui de investigar a fundo essa ligação estrutural. Basta dizer, entretanto, que se trata de 12 etapas, que podem comparecer nesse ciclo épico: mundo comum, chamado à aventura, recusa do chamado, encontro com o mentor, a travessia do primeiro limiar, provas aliados e inimigos, aproximação da caverna secreta, a provação, a recompensa, o caminho de volta, a ressurreição, o retorno com o elixir. Identificamos algumas dessas etapas, de forma clara, na trajetória de Nhô Augusto, como: a provação, o caminho de volta, a recompensa.

Ressalta-se a significação da quarta etapa, que se define como Ajuda do sobrenatural, do encontro com o mentor. Para que o protagonista não se sinta abandonado, desolado, a proteção se faz fundamental, para que se cumpra a tarefa:

Os seres humanos nascem cedo demais; quando o fazem, estão inacabados e ainda não estão preparados para o mundo. Em consequência, toda a defesa que têm contra um mundo de perigos é a mãe, sob cuja proteção ocorre um prolongamento do período intra-uterino. (CAMPBELL, 2007, p. 16).

O auxílio sobrenatural ou ajuda do mentor significa proteção. No caso do casal de pretos, que acolhe o protagonista Nhô Augusto, vemos claramente a função de Quitéria como mãe. Tanto é assim que Nhô Augusto, no casebre, acossado pela dor física e espiritual, grita pela mãe: “- Mãe... Mãe...” (ROSA, 1984, p. 355). Trata-se de uma ajuda sobrenatural, que o livrará da destruição do mal e o acompanhará até a salvação. No conto, trata-se de um processo de conversão.

Nesse contexto, o herói se torna consciente de seu caminho, ou seja, de forma similar às sagas antigas, o herói tem uma missão. A história de Nhô Augusto, rebaixado, arrependido e que deseja encontrar a salvação de sua alma, se assemelha, por exemplo, a de Jó e de várias histórias de santos.

O episódio subsequente acontece no povoado do Tombador. O nome sugere a tentação que o personagem experimenta ao receber o convite para participar do bando de jagunço sob a chefia de Joãozinho Bem-Bem. Esse momento funciona como uma provação, bem aproximada com a personagem bíblica de Jó que perde

tudo e mesmo assim continua firme, isto é, Jó resiste à tentação e troca as coisas mundanas pela entrada no céu. Trata-se de uma espécie de prova.

Serapião é o nome do homem preto e esposo de Quitéria na narrativa. Os dois são pretos, representando a etnia de nossa formação histórica, advinda dos navios negreiros. O casal surge para proteger Nhô Augusto e oferecer todo suporte espiritual para sua nova jornada.

O nome Serapião é propositalmente motivado, pois está atrelado ao santo e tem um significado histórico, cristão e religioso. Trata-se de um cristão fervoroso, no século II, na Alexandria, que sofreu perseguição e teve as juntas de seus membros todas quebradas. Serapião foi jogado de um quarto alto, de cabeça para baixo. Mais tarde, seu nome foi inserido no Martirológio Romano.

Popularmente, em virtude do seu martírio, passou-se a usar o óleo de Serapião nas juntas e em dores do corpo. Notavelmente, vale recordar, Nhô Augusto é resgatado com o corpo todo macerado. As juntas estão quebradas e, como parte da oração de São Serapião, clama-se para que o santo cure a lama e o corpo no momento do martírio.

Também, Mãe Quitéria, em *A Hora e a Vez de Augusto Matraga*, pode sugerir algo como quitar, ou seja, aponta para algo como "zerar as dívidas". Seu nome também tem relação com os santos. Conhecida atualmente por Santa Quitéria, a mesma foi martirizada por não aceitar a vida de casada e nem abandonar os princípios da religião católica, entregando-se a Cristo profundamente através da fé. Dentre tantas virtudes, santa Quitéria ficou conhecida até hoje por sua grande bondade e zelo.

Guimarães Rosa utiliza o nome "mãe Quitéria", evocando certamente esse símbolo amoroso, concebido pela cultura popular. De fato, essa proteção ajudará Nhô Augusto a quitar as suas dívidas mundanas. Importa assinalar que é desses símbolos de cuidado e proteção sinceros, que Nhô Augusto experimentará uma verdadeira cura da alma. A hospitalidade e o acolhimento são marcas ostensivas da cultura rústica.

Elias Xidieh comenta que "A hospitalidade enquadra-se no espírito de solidariedade [...]" (XIDIEH, 1993, p. 85). E é exatamente esse acolhimento incondicional que se apresenta em relação à personagem Nhô Augusto. Tal autor argumenta ainda que "Ora, aquela prestação de serviços filia-se à instituição do "adjutório", do "dar a mão" [...]" (XIDIEH, 1984, p.82). Esse ato de "dar a mão" se

afina bastante com o símbolo crístico, vivenciado pela cultura rústica, em que o coração é o centro amoroso de toda espiritualidade.

É possível, como instrui Freyre, que as crenças tenham se misturado bastante ao longo das trocas culturais. E, nesse caso, o casal de pretos, clara referência a nossa formação étnica, apresente uma religiosidade apartada daquela do catolicismo oficial. Gilberto Freyre (2003, p.191), em seu livro *Casa-grande & Senzala*, nos fala que: “na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera da vida, trazemos de quase todos a marca da influência negra.” Especificamente sobre a mistura religiosa no Brasil, Freyre (2003, p. 205) comenta que

O catolicismo das casas-grandes aqui se enriqueceu de influências muçulmanas contra os quais tão impotente foi o padre-capelão quanto o padre-mestre contra as corrupções do português pelos dialetos indígenas e africanos. Os negros maometanos no Brasil não perderam, uma vez distribuídos pelas senzalas das casas-grandes coloniais, o contato com a África. Não perderam-no, aliás, os negros fetichistas das áreas de cultura africana mais adiantada. Os Nagôs, por exemplo, do reino de Iorubá, deram-se ao luxo de importar, tanto quanto os maometanos, objetos de culto religioso e de uso pessoal. Noz-de-cola, cauris, pano e sabão-de-costa, azeite-de-dendê. (FREYRE, 2003, p. 205).

Os colonizadores, sem dúvida, conseguiram altos lucros com o tráfico negreiro. Os senhores de engenho conseguiram escravizar os negros, porém não conseguiram arrancar deles os costumes, as crenças religiosas, as danças e músicas e muitas delas perduram até os dias atuais.

Podemos entender que, logo, Serapião e mãe Quitéria podem também representar, em Guimarães Rosa, esses seres humanos desprovidos de riqueza que, em solo mineiro marcaram grande presença numérica. E, no que diz respeito à fé religiosa de Serapião e mãe Quitéria, podemos dizer que eles representam essa religiosidade popular, ou seja, esses valores religiosos não oficiais, mas que pertencem a uma cultura profundamente rústica.

Xidieh comenta que a cultura rústica ocupa um lugar “[...] à margem das culturas ditas eruditas e civilizadas”. (XIDIEH, 1993, p. 81). Logo, podemos entender que a cultura rústica ocupa uma via meio “periférica” na sociedade, mas nem por isso deixa de ser importante. É tanto que, segundo Elias Xidieh, essa cultura persiste e busca formas de continuar, pois “[...] apesar, enfim, da imposição de fórmulas

civilizadas e urbanizadas de vida sócio-cultural aos grupos rústicos, estes resistem, e a sua cultura encontra meios de permanecer”. (XIDIEH, 1993, p.)

Com efeito, essas camadas históricas estão presentes na imagem do casal pobre e preto, que acolhe, de forma incondicional, mesmo sem conhecer sua origem, o personagem atormentado Nhô Augusto. O casal acompanha todo esse martírio da personagem e ainda está presente no momento em que Nhô Augusto, na região do Tombador, sofre a tentação de “retorno” à velha identidade de pecador. Nhô Augusto e o casal de pretos vão ao Tombador, lugar de sua penitência, de sua tentação. Assim descreve o narrador: “E, junto com o casal de pretos samaritanos, que, ao hábito de se desvelarem, agora não o podiam deixar nem por nada, pegou chão, sem paixão.” (ROSA, 1984, p. 357).

No Tombador, Nhô Augusto começa a refletir sobre si mesmo e sua condição, pensando até mesmo na vida errada de antes, mas, ao lembrar as palavras do padre, ele recua, chegando até a desesperança. Nesse momento, vale destacar a fala de Nhô Augusto: “- Desonrado, desmerecido, marcado a ferro feito rês, mãe Quitéria, e assim tão mole, tão sem homência, será que eu posso mesmo entrar no céu?!...” (ROSA, 1984, p. 361).

Mãe Quitéria reanima Nhô Augusto, dizendo: “- Não fala fácil, meu filho!... Dei’stá: debaixo do angu tem molho, e atrás de morro tem morro.” (ROSA, 1984, p. 361). Como se pudesse afirmar: aguarda e confia! E a personagem faz uma espécie de confissão aos pretos, ao dizer “[...] que era demais o que estava purgando pelos seus pecados, e que Nosso Senhor se tinha esquecido dele!” (ROSA, 1984, p. 362). Nhô Augusto segue desabafando aos pretos:

A mulher, feliz, morando com outro... A filha, tão nova, e já na mão de todos, rolando por este mundo, ao deus-dará... E o Quim Recadeiro – um rapazinho miúdo, tão no desamparo – e morrendo por causa do patrão... um patrão de borra, que estava p’r’ali no escondido, encostado, que nem como se tivesse virado mulher!... (ROSA, 1984, p. 362).

Na citação acima, vemos Nhô Augusto se lamentar dos erros cometidos e da morte de seu fiel empregado, Quim. Nhô Augusto ainda prossegue, citando seu passado terrível e interrogando-se diante dos pretos: “- O resto é peso p’ra dia, mãe Quitéria... Mas, como é? Como é que eu vou me encontrar com o Quim lá com Deus, com que cara?!...” (ROSA, 1984, p. 362), acrescentando ainda que

[...] eu já fui zápede, já pus fama em feira, mãe Quitéria! Na festa do Rosário, na Tapera... E um dia em que enfrentei uns dez, fazendo todo-o-mundo correr... Desarmeí e dei pancada, no Sergipão Congo, mãe Quitéria, que era mão que desce, mesmo monstro matador!... E a briga, com a família inteira, pai, irmão, tio, da moça que eu tirei de casa, semana em antes de se casar?!... (ROSA, 1984, p. 362).

As lembranças de Nhô Augusto são um peso em sua consciência. No entanto, mãe Quitéria o aconselha: “- Vira o demônio de costas, meu filho... Faz o que o seu padre mandou!” (ROSA, 1984, p. 362). Ao ser obediente, torna-se o herói agradável, a ponto de Deus se compadecer de Nhô Augusto. O narrador descreve, então, a fala de Nhô Augusto aliviado: “- Deus está tirando o saco das minhas costas, mãe Quitéria! Agora eu sei que ele está se lembrando de mim...” (ROSA, 1984, p. 364). Aqui, vemos o herói visto por Deus como um homem de bem. Nhô Augusto, depois de ter aprendido com os pretos no casebre e se preparado, conscientemente, afirma que a sua hora e vez chegou: “- Adeus, minha gente, que aqui é que eu não fico, porque a minha vez vai chegar, e eu tenho que estar por ela em outras partes!” (ROSA, 1984, p. 375). Logo, o herói se despede e deixa o casal de pretos velhos.

O herói se torna consciente de seu caminho, ou seja, de forma similar às sagas antigas, o herói tem uma missão. A história de Nhô Augusto, rebaixado, arrependido e que deseja encontrar a salvação de sua alma, se assemelha, por exemplo, a de Jó e de várias histórias de santos. O episódio subsequente acontece no povoado do tombador. O nome sugere a tentação que o personagem experimenta ao receber o convite para participar do bando de jagunço, sob a chefia de Joãozinho Bem-Bem.

3.2 No Tombador: a tentação do herói

Seguindo a trajetória de sua vida, Nhô Augusto, juntamente com os pretos velhos, foram para o povoado do tombador, arriscando-se numa viagem escondida. “Foram norte a fora, na derrota dos criminosos fugidos, dormindo de dia e viajando de noite, como cativos amocambados, de quilombo em quilombo” (ROSA, 1984, p. 358). Nhô Augusto chega ao povoado do Tombador e é visto como um ser estranho, mas que rapidamente é bem-vindo ao lugar: “[...] todos gostaram logo dele, porque era meio doido e meio santo; e compreender deixaram para depois” (ROSA, 1984, p.

358). Eles viam Nhô Augusto “meio doido”, devido à disponibilidade de trabalhar para os outros, com sol ou chuva, sem receber nada em troca e sempre procurando servir. E também “meio santo”, porque ele rezava o terço junto com as senhoras, participava da missa e procurava fazer apenas as coisas certas.

Nhô Augusto começa a fazer a sua devida penitência no Tombador. O nome Tombador não é fortuito, uma vez que sugere a tentação da queda, do retorno ao velho homem. Isso se dá com a chegada do bando de jagunços, comandado por Joãozinho Bem Bem, que lhe oferece um lugar no bando. Sem esperar, um dia Nhô Augusto viu de perto um homem chegar ao povoado do Tombador, acompanhado por uma tropa armada:

Vindos do norte, da fronteira da velha-de-guerra, bem montados, bem enroupados, bem apessoados, chegaram uns oito homens, que de longe se via que eram valentões: primeiro surgiu um, dianteiro, escoteiro, que percorreu, de ponta a ponta, o povoado, pedindo água a porta de uma casa, pedindo-lhe pousada em outra, espiando muito para tudo e fazendo pergunta e pergunta: depois, então, aparecem os outros, equipados com um desprósito de armas – carabinas, novinhas quase; garruchas, de um e dois canos; revólveres de boa marcas; facas, punhais, quicés de cabos esculpido; porretes e facões, - e transportando um excesso de breves nos pescoços. (ROSA, 1984, p. 364-365).

Temido e muito conhecido pela sua bravura, o chefe do bando, Joãozinho Bem-Bem usava dinheiro, armas e ligeiros cavalos. Era um homem muito afamado por sua valentia. O narrador informa que ele era “o arranca-toco, o treme-terra, o come-brasa, o pega-à-unha, o fecha-treta, o tira-prosa, o parte-ferro, o rompe-racha, o rompe-e-arrasa: seu Joãozinho Bem-Bem.” (ROSA, 1984, p. 365).

O encontro com Joãozinho Bem-Bem é amistoso e agradável, despertando em Nhô Augusto a velha índole de briga e violência. Como marca de hospitalidade, típica da cultura rústica, Nhô Augusto oferece almoço e repouso. Importa assinalar que Nhô Augusto se encanta pelas armas e pede para vê-las: “E Nhô Augusto, depois de servir a cachaça, bebeu também, dois goles, e pediu uma das *papo-amarelo* para ver”. (ROSA, 1984, p. 370). Esse episódio revela a queda da personagem pelo gosto da vingança e da violência. Joãozinho Bem-Bem se agrada bastante de Nhô Augusto, convidando-o para integrar o bando, porque identifica nele uma personalidade de valentia:

Mano velho, o senhor gosta de brigar, e entende. Está-se vendo que não viveu sempre aqui nesta grota, capinando roça e cortando lenha... Não

quero especular coisa de sua vida p'ra trás, nem se está se escondendo de algum crime. Mas, comigo é que o senhor havia de dar sorte! Quer se amadrinhar com meu povo? Quer vir junto? (ROSA, 1984, p. 371).

Nhô Augusto é atravessado por uma enorme tentação, principalmente porque Joãozinho Bem-Bem se oferece para eliminar qualquer inimigo: “[...] Tiver algum inimigo alegre, por aí, é só dizer o nome e onde mora.” (ROSA, 1984 p. 371). Joãozinho Bem-Bem se despede e vai embora. Assim, “[...] Era só falar!” (ROSA, 1984 p. 372), para que a vingança fosse realizada.

A tentação se torna mais clara nessa passagem, quando Nhô Augusto começa a refletir: “O convite de seu Joãozinho Bem-Bem, isso, tinha de dizer, é que era cachaça em copo grande! Ah, que vontade de aceitar e ir também...” (ROSA, 1984, p. 372). Porém, logo recua e diz pra si: “- Agora que eu principiei e já andei um caminho tão grande, ninguém não me faz virar e nem andar de fasto!” (ROSA, 1984, p. 372).

Esses episódios se configuram como resistência à tentação e se aproximam muito aos momentos exemplares de figuras, como Jesus ou Jó, ou dos santos, ou seja, uma estrutura de cunho religioso, baseada na série pecado/penitência/superação. O próprio nome do lugar, Tombador, evoca um tipo de provação. Nhô Augusto, cumprindo uma das provas, vai agora se encaminhar para o momento final de sua hora e vez. Esse será o momento de sua consagração como herói.

Com a ajuda primordial do casal de pretos, a personagem se manteve firme na fé religiosa, superando a sua índole de violência, ou seja, trata-se de uma luta do bem contra o mal. Vejamos o momento de despedida do Tombador, para o episódio que revela a sua hora e vez. “- Adeus, minha gente, que aqui é que mais não fico, porque a minha vez vai chegar, e eu tenho que estar por ela em outras partes!” (ROSA, 1984, p. 375). A pedido de mãe Quitéria, para não seguir, Nhô Augusto retruca: “- Não posso, mãe Quitéria. Quando o coração está mandando, todo tempo é tempo! ... E, se eu não voltar mais, tudo o que era de meu fica sendo para vocês”. (ROSA, 1984, p. 375).

É esse o momento que Nhô Augusto se separa dos pretos velhos, mas leva o aprendizado necessário, a força regenerativa, que suplanta a morte simbólica, vivenciada pelo herói. Aqui temos a estrutura da ideia da passagem ao lado de sua mãe e de seu pai simbólicos, Quitéria e Serapião. Pensando na jornada do herói,

concebida por Joseph Campbell, os pretos sugerem uma representação com o encontro com o mentor, pois toda aventura precisa de um empurrãozinho, para que o herói esteja pronto. E, de fato, chegou a hora em que nosso herói está pronto para cruzar os limites entre o mundo seguro e conhecido, para o desafio do novo mundo. Nosso personagem vai cruzar esse mundo com um animal sagrado para a religiosidade popular: um jegue. Como Cristo, na entrada de Jericó, Nhô Augusto monta em um jegue e clama que o animal o leve para o seu destino: “– Não me importo! Aonde o jegue quiser me levar, nós vamos, porque estamos indo é com Deus!...” (ROSA, 1984, p. 378). O jegue, de fato, o conduz ao seu destino, ou seja, Nhô Augusto chega ao seu município de origem, para vivenciar sua “hora e vez”.

3.3 Hora e vez: o momento final

Ironicamente, ou como um pré-destino, a personagem Nhô Augusto chega ao Murici: “E assim entraram os dois no arraial do Rala-Coco, onde havia, no momento, uma agitação assustada do povo”. (ROSA, 1984, p. 378). Juruminho, capanga de Joãozinho Bem-Bem, foi assassinado, e o chefe do bando vinga sua morte, eliminando um dos membros da família, responsável indiretamente pelo assassinato de Juruminho.

Como na tradição de vingança, típica do código de honra das zonas rurais, Joãozinho Bem-Bem está diante de uma família indefesa, ameaçando-a. Nhô Augusto se aproxima, cumprimenta, de forma amistosa, o jagunço, e se informa do acontecido: “- O matador – foi à traição, - caiu no mundo, campou no pé... Mas a família vai pagar tudo, direito!” (ROSA, 1984, p. 380). No entanto, Nhô Augusto implora para não haver morte, mas o jagunço não recua. Nhô Augusto reitera: “– Não faz isso, meu amigo seu Joãozinho Bem-Bem, que o desgraçado do velho está pedindo em nome de Nosso Senhor e da Virgem Maria!” (ROSA, 1984, p. 382). Diante disso, Nhô Augusto avança contra o jagunço e defende a família: “[...]-... Pois então, meu amigo seu Joãozinho Bem-Bem, é fácil... Mas tem que passar primeiro por riba de eu defunto...” (ROSA, 1984, p. 383). Como proteção, a personagem se benze em nome do Pai do Filho e do Espírito, como escreve o narrador a seguir: “- Epa! Nomopadrosfilhospiritossantamêin!” (ROSA, 1984, p. 383).

Os dois personagens, Joãozinho Bem-Bem e Nhô Augusto, vão ao combate: “E a casa matraqueou que nem panela de assar pipocas, escurecida à fumaça dos

tiros [...]” (ROSA, 1984, p. 383). Nhô Augusto pulava e gritava: “- Ô gostosura de fim de mundo!...” (ROSA, 1984, p. 383). Trata-se de um momento de combate, típico de um romance de aventura. E Nhô Augusto se compraz desse momento, porque o identifica com a sua “hora e vez”.

A personagem expressa a sua profunda conversão na hora do combate mais perigoso e decisivo. Nhô Augusto pede para Joãozinho Bem-Bem se converter: “- Se arrepende dos pecados, que se não vai sem contrição, e vai direitinho para p’ra o inferno, meu parente seu Joãozinho Bem-Bem!...” (ROSA, 1984, p. 384).

Joãozinho Bem-Bem reconhece a superioridade de Nhô Augusto, ao falar, já em seu último momento: “- Estou no quase, mano velho... Morro, mas morro na faca do homem mais maneiro de junta e de mais coragem que eu já conheci!...” (ROSA, 1984, p. 385). E os dois morrem no combate. De forma quase apoteótica, Nhô Augusto se converte em um santo, por ter defendido uma família vulnerável: “[...] - Foi Deus quem mandou esse homem no jumento, por mó de salvar as famílias da gente!...” (ROSA, 1984, p. 385). E ainda a fala do velho: “- Traz meus filhos, para agradecerem a ele, para beijarem os pés dele!... Não deixem este santo morrer assim...” (ROSA, 1984, p. 386).

Por fim, vale destacar o ponto mais alto da história, quando o herói destrói o inimigo e se revela: “- Perguntem quem é aí que algum dia já ouviu falar no nome de Nhô Augusto Esteves das Pindaíbas!” (ROSA, 1984, p. 386). Ora, nesse caminho de volta, agora, já consagrado como herói, Nhô Augusto figura como totalmente transformado, sugerindo que a velha identidade de Nhô Augusto Esteves das Pindaibas estaria suplantada, em virtude de sua missão, sua “hora e vez”, que seria salvar a sua alma.

Nessa perspectiva, na jornada heróica, de Joseph Campbell, temos a fase da ressurreição, que representa uma “volta à vida” transformada. E, nesse sentido, não se pode esquecer do cumprimento do destino, representado pela marca do triângulo e do círculo, descrevendo, simbolicamente, a ressurreição como transcendência. Nhô Augusto está inserido numa jornada, em que o mundo humano e o transcendente dialogam. O percurso está baseado na separação e no retorno:

Um herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas — forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes. (CAMPBELL, 2007, p. 36)

E, com efeito, Nhô Augusto é chamado à aventura de salvar a sua alma. Ao invés da vingança, trilha o caminho da religiosidade, para superar sua perversão íntima, de natureza maldita. Mas, para isso, conta com o “auxílio sobrenatural” dos pretos velhos, que são as figuras protetoras, que vão lhe ensinar o caminho amoroso, para que ele renasça de maneira fortificada. Como concebe Campbell (2007, p. 102), o herói é auxiliado, de forma encoberta: “Aqui ele descobre pela primeira vez, que existe um poder benigno, em toda parte, que o sustenta em sua passagem sobre-humana”.

No entanto, não podemos esquecer que essa estrutura heroica se realiza dentro do universo rústico do sertão mineiro, com seus valores sociais, históricos e imaginários. E, nesse contexto, o espírito religioso de solidariedade, violência, temor, honra e piedade se realiza nos traços de cada personagem. Com isso, Guimarães Rosa, afeito aos valores da cultura popular, cria uma narrativa heroica, fundamentada nas expressões religiosas locais, mas também de tema e forma transcendentais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso trabalho desenvolveu uma análise da trajetória heroica de Nhô Augusto, personagem violento, que, depois de ser abandonado pela esposa e filha, além de ser vingado pelo Major Consilva, é considerado morto. A partir daí, com a ajuda dos pretos velhos, Serapião e Quitéria, consegue salvar sua alma, trilhando o caminho da conversão.

Compreendeu-se que a jornada da personagem apresenta uma estrutura clássica dos grandes heróis, só que dinamizada pelo universo popular. Nesse caso, temos os valores rústicos do sertão representado, como o caso do tema da vingança, da valentia e da religiosidade. Por isso, o nosso estudo esteve alinhado com as teorias de Bakhtin e Joseph Campbell para compreender algumas séries sequenciais que comparecem na estrutura heróica.

Assim, identificamos uma estrutura romanesca de aventura imbuída em uma ambiência religiosa de pecado e superação. De fato, Walnice Galvão, crítica do autor mineiro, sinaliza em seu ensaio: *Mínima Mímica* (2008), a relevância da marca imprimida na parte glútea do herói. A marca simboliza o rito de passagem do herói que deve expressar em seus atos o desejo de mudança sincera.

Guimarães Rosa, como é uma de suas características ficcionais, alia valores históricos a questões transcendentais. O sistema de valores representado apresenta muitos elementos elencados por Xidieh, estudioso da área da cultura rústica popular. Por isso se observa um tipo de representação baseado na rusticidade do que é útil para a comunidade local, nesse caso o fruto que deve crescer e ser bom. Precisamente temos essa moral na narrativa examinada.

O herói segue a exemplaridade dessa luta tão recorrente entre o bem e mal. Para isso precisou de novos aprendizados e que conquistou por receber todo o auxílio dos pretos Serapião e Quitéria. Considerados como mentores, do ponto de vista de Campbell, eles representam os protetores e cuidadores de um sertão histórico, que também comparece como celular narrativa.

O estudo também identificou um alinhamento com o romance de aventuras, o qual é postulado por Bakhtin, principalmente quando o motivo da estrada traz para o centro a crise e a transformação da personagem. É o que a autora Andréa Buhler também explica em seu ensaio ao se referir a uma repartição do enredo em "culpa-

castigo-redenção-beatidade”. A autora reitera: “São esses momentos, de fato, marcado por três iniciações, que determinam a imagem definitiva do pecador Nhô Augusto no regenerado e mítico Matraga” (2021, p. 32).

Ainda nesse sequencial da vida do herói, Bakhtin nos fala a respeito dessas três imagens: “desunidas e unidas pela crise e pela regeneração – a imagem do pecador (antes da regeneração) e a imagem do justo (depois da crise e da regeneração)” (2002, p. 238).

Com efeito, esse estudo observou várias camadas da narrativa, entretanto pretendeu destacar as linhas tênues entre a estrutura heroica com o universo popular, sem descuidar dos aspectos históricos. Nesse sentido, o que melhor evidencia a célula narrativa é o drama de uma jornada em que crise e regeneração podem ser observadas como cena-padrão de várias outras narrativas, como a bíblica, por exemplo. O universo popular representado se evidencia principalmente através do espírito de religiosidade muitas vezes revelado sem sentenças morais. No centro deste universo popular temos a imagem do casal de pretos que simbolizam uma religiosidade rústica e periférica em relação ao catolicismo oficial.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN. **Questões de literatura e estética**. São Paulo: HUCITEC, 2002.
- BRAICK, Patrícia Ramos; MOTA, Myriam Becho. **História**: das cavernas ao terceiro milênio . 3.ed. São Paulo : Moderna, 2013.
- BUHLER, Andrea de Moraes Costa. **Da Ignomínia à Pertença**. São Paulo: Editora Cajuína, 2021.
- CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.
- CANDIDO, Antonio. Sagarana. *In*: COUTINHO, Eduardo F. (Org.). **Guimarães Rosa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004.
- CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. *In*: CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989, p. 140-162.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48. ed. São Paulo: Global, 2003.
- GALVÃO, Walnice Nogueira . **Mínima mímica**: ensaios sobre Guimarães Rosa. São Paulo: Companhia da Letras, 2008.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. **Guimarães Rosa**. São Paulo: Publifolha, 2000.
- MENEZES, Adair Smith. **O cangaço no sertão d'Os desvalidos**. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) Núcleo de Pós-Graduação em Letras, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe, 2010.
- ROSA, João Guimarães. **Sagarana**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1984.
- VASCONCELOS, Sandra Gardini Teixeira. "Os mundos de Rosa". **Revista USP**, n. 36. São Paulo: ISP-CCS, 1989. p. 78-89.
- XIDIEH, Oswaldo Elias. **Narrativas Populares**: Estórias de Nosso Senhor Jesus Cristo e mais São Pedro Andando pelo mundo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.